

Educadora se diz aliviada após afastamento

Professora abandona a profissão depois de lecionar durante 22 anos

A professora de português Marilza Branchini Melito, de 46 anos, se diz aliviada ao explicar como se sente após o pedido de afastamento da rede estadual de ensino, durante a segunda semana de greve. Marilza lecionou durante 22 anos, e decidiu desistir da profissão antes dos três anos que faltam para a aposentadoria. "Acabei deprimida ao enxergar a realidade", afirma. "O descaso em relação ao nosso esforço profissional chegou a ultrapassar qualquer limite de auto-respeito."

Dois motivos levaram o professor de química Aquino Arakaki, de 38 anos, a abandonar o cargo na EEPSG Professor Ascendino Reis, local em que trabalhava desde 1977. "O salário e a falta de interesse dos alunos em relação à educação acabam com a nossa motivação", explica. Arakaki aguarda o término da licença-prêmio para pedir exoneração, apesar de ser efetivo. "Vou ficar apenas com o outro cargo no Estado, como perito criminal."

Mesmo quem voltou ao trabalho após a greve não descarta a possibilidade de encontrar um novo emprego. "Gosto de dar aula, mas também gosto de cozinhar e vender", afirma o professor Jorge Elias Tadeu Mousse, de 37 anos, que participou dos 34 dias da greve e se diz desmotivado. "Se surgir uma oportunidade, algo



Regina Fiorini Aurichi: pedido de exoneração após a greve

mais interessante que traga retorno material, não vou pensar duas vezes."

Há oito anos como professor de

história na EEPSG Padre Manoel da Nóbrega, Mousse recebeu R\$ 444,80 no mês de março. Casado e com três filhos, vai à escola de ônibus (perde,

Wilson Melo/AE

no trânsito, pelo menos 2h30 e recebeu como auxílio-transporte, no último mês, R\$ 3,01). "Lazer nem pensar, não viajo há dois anos", afirma Mousse. "Muito menos me atualizar por causa dos preços dos livros." Ele, que começou a dar aula "por ideal", afirma que continua no emprego por gostar do que faz e "por um pouco de masoquismo."

O sustento da família vem, em sua maior parte, do trabalho da esposa, que possui um salão de beleza. "Em 50 minutos, fazendo apenas pé e mão, ela consegue R\$ 12,00", compara Mousse. "Para ganhar isso, tenho de dar seis aulas."

Regina Fiorini Aurichi, de 38 anos, optou pela exoneração após a greve. Decidiu ser apenas dona de casa. "Preferi isso a ficar gastando dinheiro em remédio", conta. "Toda hora tinha problemas na coluna, de fundo emocional, por causa do nervoso que estava passando."

Até mesmo quem iniciou a carreira do magistério há pouco tempo já desistiu da profissão. É o caso da "professora-aluna" Luciana Gonçalves Paes, de 22 anos, ainda no quarto ano na Faculdade de Geografia. Ela passou a dar aulas em outubro de 94. "Quando comecei, sabia que até dar entrada na papelada, um professor é obrigado a passar dois ou três meses sem receber", afirma. "Mas até agora não recebi nada, porque me informaram que a documentação estava com problemas." Luciana agora vai ficar apenas estudando. "Se for preciso faço outra faculdade", garante. "Mas não serei professora."